

Ensinar para aprender

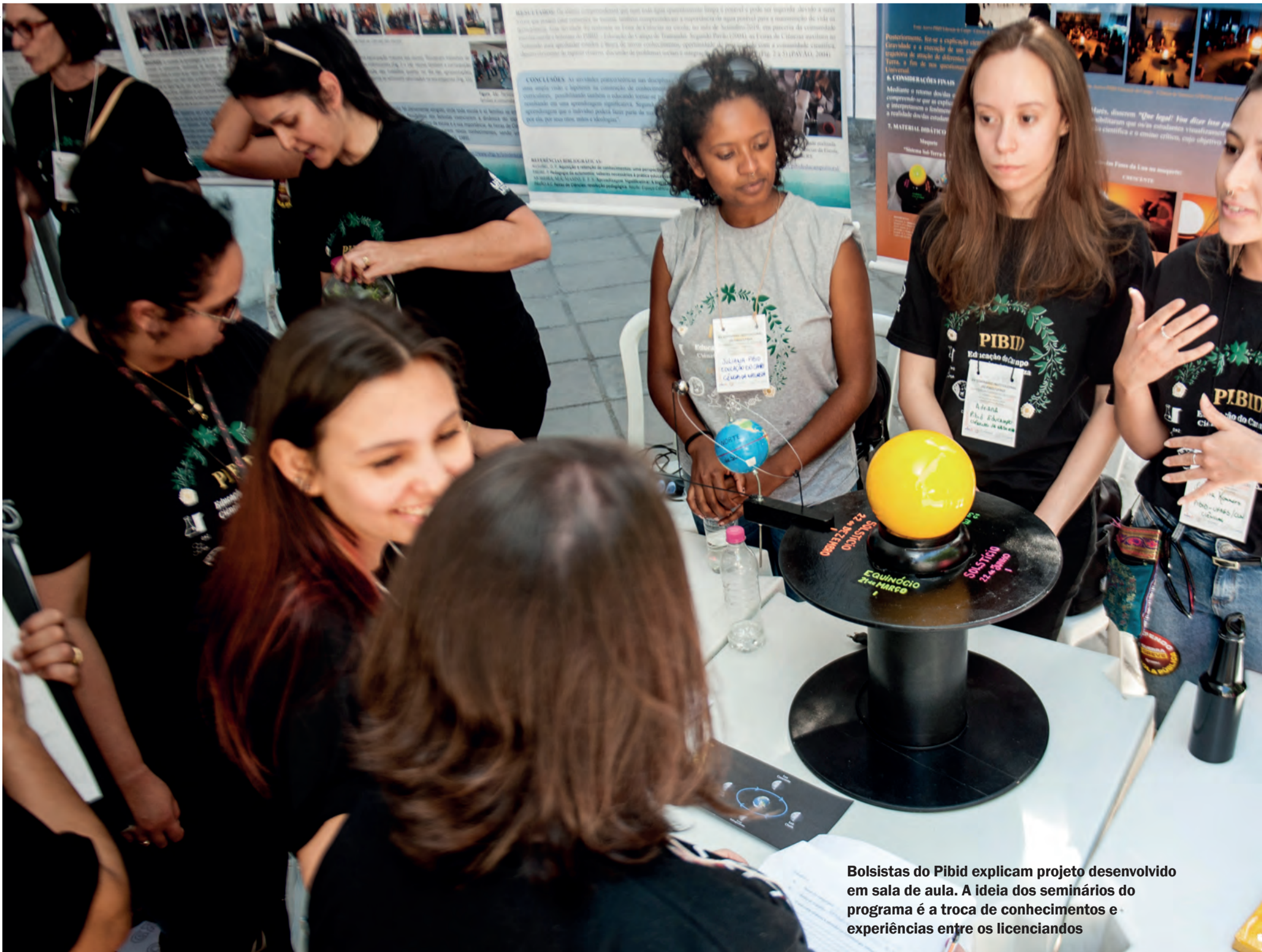
Docência *Redução nas verbas federais compromete as oportunidades disponibilizadas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid)*

Tânia Conceição de Souza Barreto sonhava em ser professora desde criança. Entretanto, nem sempre a realização desse desejo foi acessível, já que não encontrou escolas públicas com magistério na sua região na época em que frequentou o colegial. Aos 52 anos, ela está iniciando o 8.º semestre da licenciatura em Educação no Campo - Ciências da Natureza, no câmpus Litoral, e é bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid).

Por meio do programa, a estudante teve sua primeira experiência em sala de aula como professora. “A gente se torna docente através do Pibid, porque fazemos muitas atividades de professores titulares, como planejar atividades, preparar aulas e aprender com o aluno”, conta. “No estágio, o conteúdo já foi preparado pelo titular. O Pibid dá a liberdade de contextualizar, fazer saídas a campo. É muito mais experimental.”

Iniciado em 2007 durante o governo Lula, o Pibid é uma ação

FOTO: FLÁVIO DUTRA/JU



Bolsistas do Pibid explicam projeto desenvolvido em sala de aula. A ideia dos seminários do programa é a troca de conhecimentos e experiências entre os licenciandos

da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC), que fornece bolsas para que os estudantes de licenciatura tenham, já na primeira metade do curso, experiências práticas de docência na educação básica da rede pública. O programa, no entanto, vem sofrendo cortes nos últimos anos segundo Roselane Zordan Costella, coordenadora institucional do Pibid na UFRGS de 2013 a 2017 e atualmente coordenadora da área de Geografia. De acordo com informações encontradas pela reportagem no site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), estão previstas no edital do órgão deste ano 15 mil bolsas, em todo país, a menos do que em 2018 — em 2019, não houve edital. Esse corte representa redução de 50% nas vagas do programa. Em 2018, a oferta já havia sido 33% menor, com encolhimento de 14 mil bolsas em relação ao edital prévio. Uma das consequências decorrentes dessas reduções, conforme Roselane, é a

elevação do número de estudantes sob a supervisão de um mesmo coordenador de área: chegaram a ser dez em editais anteriores, agora são 24 alunos.

Contudo, o corte de maior impacto, alerta a docente, foi na verba de custeio à qual cada bolsista tem direito para usar com despesas de atividades em sala de aula. Agora, os alunos recebem apenas o valor da bolsa. “Eles cortaram os benefícios que tínhamos antes, como as passagens e valores para comprar livros, materiais, xerox, gasolina”, lamenta.

Roselane acredita que essa falta de verbas pode comprometer a qualidade do trabalho. “Teoricamente, as atividades continuam as mesmas, mas os recursos para realizá-las são muito menores.”

Prioridades – Um dos objetivos do Pibid é incentivar a carreira docente nas disciplinas da educação básica com maior carência de professores com formação específica. Segundo o edital deste ano, as áreas prioritárias, que receberam 60% do total de 30.096 bolsas previstas, são Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Física, Química, Biologia e Alfabetização. Essa última é considerada uma das prioridades das políticas educacionais do governo Bolsonaro.

Os bolsistas atuam no ensino fundamental de escolas públicas nas quais o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) esteja abaixo da média nacional (4,4) e devem adequar seus projetos ao contexto em que elas estão inseridas. A experiência oportunizada pela bolsa muitas vezes constitui a primeira entrada dos alunos de licenciatura em sala de aula na posição de professor.

Para Roselane, o Pibid é uma atividade complementar que melhora a formação do aluno. “A iniciação à docência insere o estudante dos cursos de licenciatura no conjunto de práticas docentes, reconhecendo a escola pública como espaço indispensável de formação do professor. Ele sai com outra construção profissional, aprende a lidar

com as frustrações, compreende o que é uma escola e participa efetivamente dela”.

Construir pontes – O bolsista do Pibid busca contextualizar o conteúdo que será desenvolvido levando em conta a escola, o lugar onde ela está inserida e o conhecimento prévio dos alunos. “A aprendizagem é mais significativa”, relata a graduanda Tânia, que desde outubro de 2018 participa do projeto na escola Menino Manoel Luiz, no parque histórico de Tramandaí. Duas vezes por semana, ela e os outros bolsistas do programa participam das aulas de ciências com atividades práticas. Como a escola não tem laboratório de ciências, muitas vezes, os bolsistas pegam emprestados os microscópios e outros materiais da Universidade.

Nessa cooperação, concretiza-se um dos objetivos do programa: o estabelecimento de uma ponte entre a universidade e a escola pública. A ideia é que os alunos da rede pública tenham acesso ao conhecimento e à tecnologia através da universidade. Elisa Spode Machado, supervisora do programa na escola Menino Manoel Luiz, considera essa integração enriquecedora para a escola, uma vez que os bolsistas promovem aulas diferenciadas e experimentais, planejam atividades práticas e pesquisas de campo, o que estimula o aprendizado dos alunos. “As crianças sempre estão perguntando, curiosas para saber o que vai ter na próxima aula com o Pibid. É sempre uma novidade”, conta Elisa. Tânia considera isso importante para o crescimento do aluno. “A aprendizagem se torna mais significativa quando se consegue aliar a prática à teoria”, completa.

Uma das atividades realizadas na Menino Manoel Luiz com auxílio dos bolsistas foi uma feira de ciências. A escola já havia promovido eventos como esse, mas, de acordo com a supervisora, a participação das bolsistas foi fundamental no estímulo aos alunos para participar e pesquisar. “Tivemos pais que ajudaram nos

projetos dos filhos. A família viu que alguma coisa mudou, que os alunos estavam interessados em aprender e buscar o conhecimento”, conta Elisa.

“O programa é muito importante quando se quer formar professores conscientes, que entendam o papel da educação como fundamental pro desenvolvimento de um país, de uma sociedade.”

Adriana Santos

A convivência com os bolsistas é igualmente transformadora para os docentes da escola. Durante a feira, os professores buscaram ajuda para incentivar seus alunos também. De acordo com Elisa, trata-se de uma relação de trocas: os professores titulares ouvem com respeito as alunas do Pibid, que constroem sua formação profissional na convivência com os futuros colegas. “Elas vieram e deram outro gás para as aulas. Fizeram a gente [professores titulares] estudar e ir atrás também, e a gente acaba se reciclando. Eu cresci como profissional”.

Trabalho na escola – Uma das premissas do Pibid é a observação e a reflexão sobre a prática profissional no cotidiano das escolas.

Além de elaborar o planejamento e a aplicação das aulas, os bolsistas do programa fazem estudos teóricos, com a realização de pesquisas e artigos. “O Pibid discute muitas teorias de ensino e aprendizagem. Como o aluno vai aprender? Quais são as nossas abordagens para que o aluno aprenda?”, relata Adriana do Nascimento Santos, aluna do 8º semestre de licenciatura em Educação no Campo - Ciências da Natureza. “O programa é muito importante quando se quer formar professores conscientes, que entendam o papel da educação como fundamental pro desenvolvimento de um país, de uma sociedade”, ressalta.

Além disso, todo o trabalho é acompanhado pelos supervisores da Universidade e da escola: são realizadas reuniões com os licenciandos de cada subprojeto para avaliar as atividades desenvolvidas em sala de aula e discutir o que funciona, bem como para indicar qual é o conteúdo a ser trabalhado pelos bolsistas. Segundo Adriana, o Pibid tem um vínculo muito forte com a escola e com os outros professores. “Eles ajudam muito na formação, tanto no planejamento quanto na execução da atividade”, relata.

A iniciação à docência por meio do programa permite que os alunos de licenciatura se tornem professores mais preparados no futuro. “Quando a gente chegou no estágio, os bolsistas do Pibid já tinham uma segurança muito maior em sala de aula. Já tínhamos experiência tanto do que dava certo quanto do que dava errado”, ressalta a estudante.

Adriana enfatiza que o Pibid foi um trabalho que lhe rendeu muitos frutos. “Vou levar para a minha formação enquanto professora e também como pessoa”. Ela lamenta a redução do programa, pois entende que os cortes prejudicam a sociedade como um todo, principalmente a educação básica.

Júlia Provenzi,
estudante do 6.º semestre
de Jornalismo da UFRGS

Estrutura do programa

O formato do Pibid sofre alterações a cada edital lançado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Atualmente, o programa configura-se em subprojetos – áreas de abrangência que coordenam as ações desenvolvidas. Cada um deles pode ser constituído por vários núcleos, os quais são formados por um coordenador de área, três supervisores, 24 discentes bolsistas e até seis alunos voluntários. Em 2020, a UFRGS terá subprojetos vinculados às áreas ao lado.

Além das bolsas para alunos de licenciatura, as equipes também são compostas por membros da Universidade (coordenadores de área) e da escola (professores supervisores), responsáveis por acompanhar o trabalho e integrar as duas instituições.

- Sociologia
- Filosofia
- Ciências – EAD
- Pedagogia
- Matemática
- Multidisciplinar
- Letras - Língua Espanhola
- Educação Física
- Artes e Letras
- Artes
- Geografia
- Educação no Campo (Litoral Norte e Porto Alegre)

► ufrgs.br/jornal

_ Pibid na UFRGS

